

Título:

**A EMERGÊNCIA DA JUVENTUDE E DO LAZER COMO
CATEGORIAS SOCIOCULTURAIS DA MODERNIDADE**

Título em inglês:

**THE EMERGENCY OF YOUTH AND LEISURE WITH AS
SOCIOCULTURAL CATEGORIES OF MODERNITY.**

Para **Revista Licere**
Seção **Artigos**

Autor: **Luís Antonio Groppo**

Resumo

Neste artigo procuro desenvolver uma análise que relaciona as origens históricas da juventude e do lazer modernos. Discutindo exemplos de grupos, movimentos e revoltas da juventude no mundo “ocidental”, principalmente a Europa do século XIX e início do século XX, tento demonstrar uma importante conexão, uma profunda inter-relação entre a juventude e o lazer na modernidade.

Palavras-chave

Juventude - Lazer - Movimentos juvenis

Abstract

In this article, I intend to develop an analyze what relate the historical origins of modern youth and the leisure. With a discussion of examples of groups, movements and riots of youth in the “occidental” world, principally the Europe from XIX Century and begin of XX Century, I intend to demonstrated an important connection, and deep inter-relation between youth and leisure in modernity.

Keywords

Youth - Leisure - Juvenile Movements

A EMERGÊNCIA DA JUVENTUDE E DO LAZER COMO CATEGORIAS SOCIOCULTURAIS DA MODERNIDADE

Luís Antonio Groppo¹

Neste artigo procuro desenvolver uma análise que relaciona as origens históricas da juventude e do lazer modernos. Discutindo exemplos de grupos, movimentos e revoltas da juventude no mundo “ocidental”, principalmente a Europa do século XIX e início do século XX, tento demonstrar uma importante conexão, uma profunda inter-relação entre a juventude e o lazer na modernidade.

Dialeticamente, a atuação de agentes juvenis foi fundamental para a criação de espaços e momentos de sociabilidade em que se desenvolveu o lazer contemporâneo; ao mesmo tempo, a afirmação do lazer gerou um *locus* privilegiado para a criação e o exercício das identidades juvenis no século XX. De certa forma, as juventudes modernas, especialmente na passagem do século XIX ao XX, colaboraram na criação do espaço do lazer e até da forma assumida pelo lúdico nesta nova esfera de relações socioculturais. Num momento seguinte, a liberação espacial e temporal propiciada pelo lazer vem alojar e dar sustentação às novas vivências e identidades juvenis - num movimento que serviu, por um lado, para legitimar e institucionalizar os grupos informais de jovens; por outro, para domesticar parte do potencial contestador da juvenilidade potencialmente autônoma e até para somatizá-la em prol do consumo, em destaque dos bens produzidos pela indústria cultural.

¹ Professor Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Unidade Americana.

É claro que este segundo momento no entrelaçamento entre juventude e lazer lançou ambos em um novo patamar de contradições, de maneira que as juventudes das novas classes médias, principalmente nos anos 1960, vêm recriar a contestação e irromper na busca de novos espaços e formas do lúdico – tema que poderia ser tratado em outra oportunidade

O caráter dialético das relações entre lazer e juventude explica-se pela própria natureza contraditória destas duas categorias socioculturais da modernidade. O lazer ostenta um potencial emancipatório, pessoal, hedonista e desinteressado, conforme ilustra Dumazedier, lado a lado com um caráter deveras coercitivo, como espaço para o consumo e tempo em que se é obrigado a adotar o espírito consumista, segundo Baudrillard.²

Esquemáticamente, podemos observar também o desenvolvimento dialético do lazer moderno. O lazer viu-se muitas vezes, em sua emergência, contestado por instituições conservadoras, liberais ou burguesas, defensoras da estrita ética do trabalho e da frugalidade. Visto como preguiça, desvio ou corrupção pelos avatares da industrialização, mas tido como direito imemorial ligado à tradicional não separação entre lazer e trabalho pelas classes trabalhadoras, o lazer conseguiu enfim afirmar-se na modernidade como tempo e espaço separados do tempo do trabalho e do espaço da produção. Do confronto entre a ética “puritana” do trabalho e a defesa dos costumes e espaços tradicionais da festa e do

² Joffre DUMAZEDIER. Sociologia empírica do lazer, São Paulo: Perspectiva, 1974; Jean BAUDRILLARD. A sociedade de consumo, Lisboa: Edições 70, 1991.

ritmo “artesanal” da produção (transmutada, pelo movimento operário, em bandeira em prol do direito da jornada de trabalho reduzida), surge o lazer moderno como direito, como momento legítimo de descanso ou vivência do lúdico, após o cumprimento das obrigações produtivas. Já no século XX, reconhecido como direito do trabalhador, fruto mesmo das conquistas do movimento operário, o lazer institucionaliza-se dentro do dia (após cumprirem-se as horas de trabalho), da semana (o fim de semana), do ano (as férias) e do curso da vida (a aposentadoria).³ Mas vê-se também colonizado por instituições e práticas diversas, como turismo, esporte, cooperativas, sindicatos, clubes, mercado de entretenimento, eventos, indústria cultural, mídias, lojas de departamentos, *shopping centers*, *boulevards*, parques, reservas ecológicas etc.

Por seu turno, a juventude pode ser definida como uma categoria social. Isto não significa limites fixados pela idade biológica. Na verdade, a definição de “faixas etárias” é ela mesma uma construção social das sociedades modernas, sociedades que buscaram através das ciências, do Direito e do Estado definir um critério universal de categorização das idades da vida. A juventude é fruto da modernização social, advinda de esforços de institucionalização do curso da vida. Para tanto, contribuíram instituições educacionais, Estado, Igrejas, partidos, movimento sociais, Direito, ciências etc. Como contraponto, definindo a juventude como uma situação social dialética, indivíduos, grupos e

³ Jofre DUMAZEDIER. Op. cit.

movimentos (de jovens ou não) reapropriaram-se dos valores, normas, padrões, signos e mitos associados à juventude. A categoria juventude, na modernidade, imbuí-se de institucionalização, resistência e simbolismo:

“Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sociocultural e uma situação social... Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos. Na verdade, outras faixas etárias construídas modernamente poderiam ser definidas assim, como a infância, a Terceira Idade e a própria idade adulta. Tratam-se não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que têm importante influência nas sociedades modernas.”⁴

Como possibilidade relativamente aberta de vivência social e como “símbolo”, a juventude moderna deve ser pensada como uma pluralidade de grupos juvenis. Pluralidade constituída nas diferentes heranças, experiências, limites e projetos vindos da condição de classe, gênero, etnia, nacionalidade, “desenvolvimento” econômico, condição urbana/rural, religiosidade, vivência sociocultural etc.

⁴ Luís Antonio GROppo. Juventude. Ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas, Rio de Janeiro: Difel, 2000, p. 7-8.

“De cada recorte sociocultural – classe social, estrato, etnia, religião, mundo urbano ou rural, gênero etc. – saltam subcategorias de indivíduos jovens, com características, símbolos, comportamentos, subculturas e sentimentos próprios. Cada juventude pode reinterpretar à sua maneira o que é “ser jovem”, contrastando-se não apenas em relação às crianças e adultos, mas também em relação a outras juventudes”.⁵

Por um lado, a institucionalização e a legitimação sociocultural da categoria juventude carregava projetos da civilização “ocidental” moderna, em prol da colonização do curso da vida, em especial das fases de maturação física, psicológica e social do indivíduo. Por outro lado, reuniu fisicamente e/ou aproximou “espiritualmente” indivíduos outrora misturados a outras faixas etárias nas famílias extensas ou comunidades tradicionais.⁶ Esta aproximação seria a base da qual iriam pulular as identidades juvenis autônomas ou semi-livres na modernidade, bem como seus inúmeros grupos juvenis informais, que, ainda mais que os projetos institucionais, vieram caracterizar a juventude na modernidade.

Este segundo passo da constituição da juventude moderna, bem como seu choque frontal com os mecanismos da sua institucionalização, são mais característicos da história do século XX. No século XIX e mesmo no início do século XX, as juventudes modernas eram menos generalizadas, melhor constituídas nas

⁵ Idem, p. 15.

⁶ Situação tradicional de “mistura das idades”, como descrita por Phillip ARIÉS na Idade Média (História social da criança e da família, Rio de Janeiro: Guanabara, 1981), ou de grupos etários heterogêneos, conforme definição de S. N. EISENSTADT (De geração a geração, São Paulo: Perspectiva, 1976).

classes altas e nos países industrializados. Eram, em geral, misturas intrigantes de elementos tradicionais e modernos, configurações únicas num momento de transição. Esta miríade de grupos, movimentos e identidades juvenis iria colaborar na experimentação de novas práticas de sociabilidade, de novas formas do lúdico e de novos espaços de liberdade em relação às instituições oficiais – embora tateando e se enredando em meio a outras esferas sociais mais sedimentadas, que ainda fervilhavam sob a influência das Revoluções Burguesas, como a política e a cultura.

Tentaremos seguir um pouco da rota destas primeiras experiências da juventude moderna, uma juventude que deixou poucos herdeiros em formas de sociabilidade ou tipos de associação, mas que foi fundamental ao indicar ou criar caminhos, recursos e espaços onde iriam se constituir o lazer e a sociabilidade juvenil contemporânea

Vale, antes, uma nota sobre a relação entre lazer e juventude moderna. A rigor, a juventude é concebida como um intervalo entre a infância e a maturidade, um intervalo entre o não-trabalho e o trabalho, um espaço onde o trabalho, se existe, é concebido como treinamento, preparação, condicionamento ou aprendizado, como prévia à verdadeira inserção no mercado profissional. Portanto, o jovem não poderia vivenciar o lazer em sua plenitude, ou seja, como tempo livre para o exercício do prazer individual após o cumprimento das obrigações produtivas, em acordo com as definições mais estritas do lazer.

Mas poderíamos ver o problema de um outro modo. Em vez das obrigações cumpridas em relação ao trabalho ou à produção econômica, o pressuposto poderia ser ampliado. Poderíamos, como o próprio Dumazedier parece sugerir, conceber o tempo do lazer como tempo liberado de obrigações sociais.⁷ Para a juventude moderna, o tempo de lazer se constitui não apenas como tempo liberado das atividades tradicionais relacionadas à família, comunidade ou religião, mas também em relação às novas obrigações instituídas pela modernidade em prol da colonização da juventude, como as escolas e os grupos juvenis organizados por adultos.

O tempo liberado, em relação à juventude, tipicamente, é aquele conquistado após o cumprimento das obrigações sociais atribuídas à juventude ou, no caso dos grupos juvenis “desviantes”, rebeldes ou marginais, na fuga das obrigações institucionais ou, ainda, mesmo nos casos das juventudes mais integradas, nos interstícios dos espaços e tempos institucionais. É a própria constituição das juventudes modernas que podemos observar com a atuação neste tempo e espaço liberado ou retirado das instituições oficiais que reúnem e cerceiam os indivíduos jovens.

Na primeira metade do século XIX, emerge em Paris a “Boêmia”. A atração secular dos jovens provincianos, advindos das classes burguesas ou “médias”, para a capital francesa, se conecta aos impulsos transformadores liberados pelas revoluções burguesas, nacionalistas e populares. Emerge o que foi denominado “Boêmia”,

⁷ Jofre DUMAZEDIER. Op. cit.

em que promovem-se, nos meios culturais e sociais de Paris, uma outra “revolução”, atingindo agora os valores culturais, artísticos e até “morais”. Através da vivência alucinada, empolgante, idealista e ativa das influências revolucionárias, românticas e até socialistas, os jovens boêmios promovem um tipo diferente de ocupação dos espaços públicos ou tradicionais de convívio social. De modo não totalmente consciente, organizam em torno da juvenildade - dado que são jovens reunidos na capital em busca de formação, educação ou convívio social que lhes daria futuro *status*, dado que esta estadia serviria originalmente como “estágio” antes da maturidade - a convivência explosiva entre a tradicional permissividade, tolerada nessa passagem do curso da vida, com os valores revolucionários ou idealistas desta era agitada de transformações. Os jovens fazem da Boêmia uma vivência em si-mesma da arte, cultura e entretenimento prazeroso, fazem da vivência juvenil um estilo de vida valorizado, não mais como passagem ou transição, mas como a culminância da vida. Ente os valores, ou “anti-valores”, da Boêmia, estavam o desprezo ao trabalho, a preocupação com o presente, a resistência à ordem e a disciplina e o cultivo de misticismos e esoterismos. A Boêmia levou a sério também o valor romântico da morte do jovem idealista pelo inconformismo. Um dos últimos grupos boêmios cultuava, em Paris, o suicídio como forma suprema de evasão diante do mundo desenganado pelas ilusões perdidas.⁸

⁸ John GILLIS. Youth and History. Tradition and change in European age relations. 1770-present, Nova York, Londres: Academic Press, Expanded Student Edition, 1981.

A Boêmia convive com a fase das ocupações rebeldes do espaço público, da “praça” pública. Foram revoltas populares ou ações golpistas perpetradas em toda a Europa no século XIX, sendo a França, Paris em especial, o paradigma de todas elas. Nestas, os jovens parisienses das classes pequeno-burguesas ou burguesas, incluindo os “boêmios”, tiveram grande participação, em número e em importância. A fruição do lazer como liberdade de ocupar o tempo e espaço em prol do prazer ou da expressão da autonomia individual ou coletiva, tem muito a dever deste espírito revolucionário que vem ocupar o espaço público com massas em revolta - dado que era também a contestação do espaço público como espaço apenas de trânsito ou trabalho, como espaço meramente utilitário e de relações formalizadas.

Ainda no século XIX, de certo modo o *flâneur* é um tipo remanescente dos movimento coletivos que ocupavam o espaço público das praças. Mas ele é um indivíduo solitário, que caminha pelas passagens ou galerias durante as noites recém-iluminadas pela luz elétrica de Paris, em prol do devaneio ou de sociabilidades fugazes - e, logo, como comprador das lojas que estendem-se pelo seu caminho. Para Benjamin, o *flâneur* é o tipo humano de transição entre o boêmio e o burguês consumista. Torna-se um indivíduo atomizado na multidão, onde outros *flâneurs* convivem no mesmo espaço das massas de trabalhadores ou transeuntes em busca de negócios - para os quais a cidade é apenas o espaço do trabalho ou do trânsito. Na segunda metade do século XIX, de novo em Paris,

ainda seguindo passos sugeridos por Walter Benjamin, a liberação do espaço público especialmente para o trânsito e a produção parece se completar com a reforma efetuada pelo barão de Haussmann. Sua reforma urbana queria, ao mesmo tempo, impedir a repetição das revoltas das massas urbanas, queria impossibilitar o retorno das perigosas barricadas. É claro, como Benjamin mesmo demonstra, que a reforma fez com que, na Comuna de Paris, em 1870, as barricadas fossem ainda maiores e poderosas, indo de um lado ao outro dos enormes *boulevards*.⁹ Há ainda um outro lado da reforma: parte dos imensos *boulevards* ocupam novos locais de entretenimento e fruição, a serem percorridos pela massa cada vez mais anônima e atomizada dos consumidores burgueses.

No início do século XX, de novo na França, uma série de *gangs juvenis* vêm a público graças à divulgação intempestiva da grande imprensa. Foram chamados de “Apaches”. Deste modo, os delinqüentes juvenis, filhos das classes populares, eram identificados como selvagens ocupantes da floresta urbana - conhecendo os segredos do submundo da grande cidade, agiam em prol de prazeres fugazes e promiscuidade, na visão atemorizada dos bons burgueses que, vez por outra, eram vítimas dos rituais de iniciação destes novos bárbaros (a agressão a cidadãos de “bem” ou a policiais era tido como prova de coragem e marcava a entrada de um novo integrante no bando delinqüente). O novo espaço público ainda tem brechas nas quais a rebeldia juvenil se exerce, onde as festas tradicionais ou já

⁹ Walter BENJAMIN. “Paris, capital do século XIX”, in. Flávio Koethe (org.) *Benjamin*, Col. Grandes Cientistas Sociais, São Paulo: Ática, 1985, pp 31-43.

massificadas são aterrorizadas pelos novos delinqüentes juvenis - que exacerbam o ideal de luxo e riqueza da nova sociedade burguesa, ao mesmo tempo que rejeitam a disciplina do trabalho.¹⁰ A delinqüência dos “Apaches” era um novo momento de desequilíbrio entre tempo livre e trabalho, entre valores tradicionais e burgueses, ilustrando também a futura atuação juvenil no tempo e espaço do lazer, lazer este ainda marcadamente burguês e adulto neste início de século XX. Na segunda metade do século XX, principalmente, o lazer juvenil parece evidenciar-se e ao mesmo tempo ocupar uma posição integrada ao sistema, retomando um ideal de equilíbrio entre trabalho e tempo livre - equilíbrio, entretanto, logo contestado pelas revoltas juvenis dos anos 1960.

Também o turismo de lazer parece ter encontrado nos grupos juvenis autônomos outro importante pioneiro. O turismo moderno já havia conquistado relativa concretude na Europa e Estados Unidos, ainda que servisse principalmente às elites e às classes médias adultas, a partir de roteiros abertos por pioneiros em busca de locais intocados pela modernização (naturais ou tradicionais, românticos ou folclóricos) e pela velocidade das ferrovias. O pêndulo pioneirismo/turismo de massa ilustra a dialética interna ao turismo: esta atividade que busca alternativas à vivência claustrofóbica na sociedade modernizada e administrada, acaba frustrando-se, porque repete nos locais transformados em atrações turísticas os mesmos

¹⁰ Michèle PERROT. “Na França da Belle Époque. Os ‘Apaches’, primeiros bandos de jovens”, in. Os excluídos da história. Operários, mulheres, prisioneiros, Rio de Janeiro: Paz e Terra, cap. 3, pp. 315-332.

processos de mercantilização, industrialização e burocratização. Cada novo experimento pioneiro que busca fugir da frustração dupla, tanto da rotina quanto do turismo de massa, acaba fracassando também, ao erigir simplesmente outra nova modalidade de turismo de massa após um primeiro momento de pioneirismo, idealismo e romantismo.¹¹

Foi o que teria acontecido também com o Movimento Juvenil Alemão, formado no final do século XIX. O primeiro grupo deste movimento foi o “Pássaro Migrante”, constituído por estudantes secundaristas de Berlim, que organizavam em feriados passeios a pé pelos campos e aldeias da Alemanha “tradicional”. Foram logo imitados por inúmeros outros jovens, principalmente universitários. Além de ser um protesto contra a “sociedade dos adultos”, desejavam o contato real com aquilo que a tradição romântica valorizava, a cultura popular imemorial e a natureza intocada de vales e montanhas. Renunciaram conscientemente os confortos da viagem turística, recusaram o mais rápido e prático trem, desviaram-se das rotas costumeiras, trocaram os hotéis pelas barracas e fizeram sua própria comida improvisada.

Como o próprio Enzensberger afirma, os frágeis ideais românticos do Movimento Juvenil Alemão – tanto a revolta contra os adultos quanto a proposição de uma aventura romântica autêntica – puderam, enfim, ser anexados “facilmente a objetivos fascistas”. Ao

¹¹ Hans Magnus ENZENSBERGER. “Uma teoria do turismo”, in. Com raiva e paciência. Ensaios sobre literatura, política e colonialismo, Rio de Janeiro: Paz e Terra, Instituto Goethe, 1985, pp. 205-225.

organizar a Juventude Hitlerista, os nazistas serviram-se muito bem dos ideais reunidos pelo Movimento Juvenil.¹²

O Movimento Juvenil ilustra de modo até caricato a relação entre juventude e lazer na história do mundo moderno, ou melhor, entre ambos e as instituições oficiais da sociedade moderna. Demonstra como jovens, no caso, de classes médias da Alemanha, aliaram sua rebeldia contra a sociedade adulta com o ativismo idealista de marchar em direção a campos, aldeias, florestas e montes. Sua petulância juvenil, contestadora e romântica seria, enfim, somatizada pelo nazismo, que utilizaria boa parte do imaginário e das práticas associadas ao “Pássaro Migrante” para compor uma organização que tinha o objetivo de mobilizar e controlar a juventude alemã. Na verdade, o próprio nazismo foi bastante habilidoso em manipular ideais românticos, nacionalistas e de valorização da juventude cultivados outrora pelo Movimento Juvenil, utilizando este imaginário e estes valores para conquistar a simpatia de grande parte dos jovens alemães, sustentando ainda mais o regime totalitário de Hitler nos seus primeiros anos. A Juventude Hitlerista também promovia longas marchas pelos campos e cultivava canções e danças do folclore “alemão”, mas associava a esta iniciativa o chauvinismo, o militarismo, a disciplina rígida, a hierarquia, o recalque à individualidade e até o masoquismo.

Paradoxalmente, também a revolta de parte dos jovens alemães contra o nazismo se expressou no “turismo de lazer” outrora fundado

¹² Ibid., p. 221.

pelo Movimento Juvenil. Tratam-se dos “Piratas Edelvais”, uma série de grupos juvenis formados por filhos das classes trabalhadoras, em plena Segunda Guerra Mundial, que se negavam a entrar na Juventude Hitlerista. Preferiam organizar as suas próprias marchas pelos campos, principalmente incursões a montanhas. Gostavam também de organizar emboscadas a grupos da Juventude Hitlerista, espancando e humilhando seus membros. Logo, tiveram de aprender também a resistir a ataques não apenas de grupos da Juventude Hitlerista, mas também da Gestapo, a polícia política nazista, que chegou a enforcar alguns jovens acusados de liderarem *gangs* de Piratas Edelvais. Mesmo nos terríveis últimos anos da Guerra, os Piratas conseguiram organizar encontros coletivos nos refúgios naturais da Alemanha, apesar da dificuldade de comunicação e provisão de mantimentos.

Outra forma de resistência juvenil ao controle da vida social exercido pelo nazismo veio dos jovens alemães de classe média que cultuavam o *jazz*. Foram chamados de “juventude *swing*”, preocupando autoridades nazistas com suas festas imensas sob o som de bandas de *jazz*, parecendo pôr em risco ideais da cultura “ariana” pregada pelo nazismo, já que o *jazz* era uma música criada pelo “inimigo de guerra”. Também a Juventude *Swing* procurou arrancar do regime uma possibilidade de exercer livremente a tendência humana ao lúdico, tentou abrir brechas no cotidiano para praticar atividades socioculturais não mais controladas estritamente pelos ideais nacional-socialistas que, de forma totalitária, tentavam

penetrar em todos os poros da vida cotidiana. É claro, dado sua ameaça, mesmo que muito frágil, ao domínio totalitário, os bailes de *swing* foram proibidos. Mas continuariam sendo realizados clandestinamente, continuando a cultivar formas mais livres de sociabilidade e - para horror dos ideólogos nazistas - dando espaço à música afro-norte-americana e até ao idioma inglês.¹³

Revelador de que as contradições da juventude e do lazer juvenil iam além do choque contra os projetos totalitaristas do nazismo, é o fato de que, mesmo após o fim do 3º *Reich*, o fenômeno da “Juventude Swing” continuou preocupando autoridades e adultos alemães. Assim como mais tarde se ouviria nos discursos contra o *rock and roll* e a contracultura, o culto ao *jazz* pelos jovens alemães era denunciado como hedonismo alienado, busca desenfreada de prazeres, desprezo a valores culturais mais elevados da cultura nacional, ansiedade juvenil incapaz de safar-se em projetos mais criativos enquanto espera-se a maturidade etc. Vez por outra, mesmo atualmente, discursos conservadores demonstram que a integração dos lazeres juvenis à civilização contemporânea nunca foi completada totalmente - como podemos mesmo agora ouvir na mídia contra os bailes *funks*, freqüentados por jovens, em geral negros, mestiços ou brancos pobres, das periferias das grandes cidades. Mas estes já são objetos para uma discussão posterior, dado que rompem os objetivos propostos para este texto.

¹³ Luís Antonio Groppo. “Juventude e nazi-fascismo”, in. *Juventude*, *op. cit.*, pp. 113-208, cap. 5.

De qualquer maneira, espero que o artigo ao menos tenha indicado alguns pontos de partida para a avaliação das relações entre juventudes e lazeres contemporâneos, que tenha fornecido alguns outros parâmetros para a discussão de encontros - e desencontros - mais recentes entre a juvenilidade, o lúdico e a modernidade (e a “pós-modernidade”). Uma destas possíveis análises poderia focar especialmente os movimentos estudantis e as contraculturas, observados em todo o mundo, nos anos 1960, em especial no ano de 1968. Trata-se de ver também a “Revolução Juvenil Mundial” dos anos 1960 em sua dimensão lúdica, enquanto exercício, experimentação e luta pela ampliação dos espaços e possibilidades do lazer, do prazer desinteressado e da liberdade individual e coletiva. Outras discussões interessantes poderiam ser endereçadas a estudos de casos, completados por análises gerais, sobre a atual vivência da juvenilidade nos espaços de lazer oferecidos pela sociedade contemporânea. Bem como, finalmente, sobre as tentativas de se construir ainda hoje outros espaços, tempos e possibilidades de viver o lúdico.

Referências Bibliográficas

ARIÉS, Phillip. História social da criança e da família, Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo, Lisboa: Edições 70, 1991.

BENJAMIN, Walter. "Paris, capital do século XIX", in. Flávio Koethe (org.) Benjamin, Col. Grandes Cientistas Sociais, São Paulo: Ática, 1985, pp 31-43.

DUMAZEDIER, Joffre. Sociologia empírica do lazer, São Paulo: Perspectiva, 1974

EISENSTADT, S. N. De geração a geração, São Paulo: Perspectiva, 1976.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. "Uma teoria do turismo", in. Com raiva e paciência. Ensaio sobre literatura, política e colonialismo, Rio de Janeiro: Paz e Terra, Instituto Goethe, 1985, pp. 205-225.

GILLIS, John. Youth and History. Tradition and change in European age relations. 1770-present, Nova York, Londres: Academic Press, Expanded Student Edition, 1981.

GROPPO, Luís Antonio. Juventude. Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas, Rio de Janeiro: Difel, 2000.

PERROT, Michèle. "Na França da Belle Époque. Os 'Apaches', primeiros bandos de jovens", in. Os excluídos da história. Operários, mulheres, prisioneiros, Rio de Janeiro: Paz e Terra, cap. 3, pp. 315-332.

Assunto: Re: Artigo para revista do Celar

Prezado Luis Antonio,

Teremos muito prazer em receber o seu artigo para ser submetido a análise de nosso conselho editorial para posterior publicação. Para tanto, é necessário organizar o texto dentro das normas da revista, que podem ser encontradas nas últimas páginas dos números já publicados. Em seguida, envie para o nosso endereço 3 cópias impressas, duas sem identificação e um disquete com o arquivo do texto.

Endereço: CELAR/DEF/EEFTO/UFMG

Av. Presidente Carlos Luz 4664 - Pampulha - Belo Horizonte - MG

CEP.: 31.310-250

Caso não tenha acesso aos outros exemplares da revista, solicite as normas no seguinte endereço: veronezi@eef.ufmg.br

Agradeço desde já

Um grande abraço,

Helder Isayama

Editor da Revista Licere

Prezado Luiz Antonio,

Segue as informações solicitadas:

ORIENTAÇÃO AOS COLABORADORES (AUTORES)

Licere é uma publicação periódica do Centro de Estudos de Lazer e Recreação - CELAR, da Escola de Educação Física da UFMG, de periodicidade anual, sem fins lucrativos. Objetiva difundir o conhecimento construído na área da Recreação e do Lazer e está aberta a profissionais, pesquisadores, grupos de trabalho/pesquisa e estudantes de diferentes formações, preocupados com o avançar da discussão sobre a Recreação e o Lazer em nosso contexto.

licere é composta pelas seguintes Seções:

Múltiplos Olhares - Discussão de temática proposta pelos editores, realizada por professores ou pesquisadores de forma a enriquecer o debate sobre a área, com a apresentação de diferentes pontos de vista.

Artigos - trabalho original, de natureza empírica, experimental ou conceitual, apresentado em forma de ensaio ou relato de pesquisa.

Vivências Cotidianas - relato de experiência profissional, concluído ou em andamento.

Entre-Vistas - Transcrição de publicação de entrevista ou debate, envolvendo especialistas no assunto abordado.

Tome Ciência! - Resumo de monografias, dissertações e teses que versem sobre a temática da área, que tenham sido apresentadas em Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação no país.

Fique por Dentro - Divulgação de Eventos Científicos (nacionais e internacionais), Cursos, Grupos de Trabalho, Listas de Discussão online, Sites interessantes etc.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão considerados para publicação artigos originais, artigos de revisão e ensaios, em português, que não tenham sido publicados anteriormente em outro periódico.

Todos os trabalhos e ilustrações publicados tornam-se propriedade da Revista licere.

Conceitos, afirmações e opiniões contidas nos trabalhos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial como um todo.

É de responsabilidade dos autores a revisão geral do texto.

Todo o material enviado para publicação será submetido ao Conselho Editorial, para apreciação e emissão de parecer. Quando alterações forem necessárias, os originais serão reencaminhados aos autores. As "leituras de prova" serão feitas na própria redação.

ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS

Elementos da Página de Rosto

Título - apresentado em português e inglês.

Seção a que se destina - informar o nome da Seção de licere a que o trabalho se destina.

Autoria - nome do(s) autor(es), acompanhados da instituição a que estão vinculados e de endereço completo para contato. Caso o trabalho tenha sido apresentado em reunião científica, incluir notificação.

Resumo - Redigido em português, contendo até 250 palavras, apresentando parágrafo único, sintetizando objetivos pretendidos, Metodologia utilizada, resultados e conclusões alcançadas.

De acordo com NBR-6028, da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT.

Palavras-chave - Apresentação de, no máximo, 5 (cinco) palavras, significativas do conteúdo do artigo, escolhidas em Vocabulário livre ou Vocabulário Controlado (*)

Abstract - Apresentação do resumo em inglês, observando-se as mesmas orientações para o resumo em português. (Somente para artigos originais, artigos de revisão, relatos de experiência e ponto de vista)

Key Words - Apresentação de Palavras-chave, traduzidas para o inglês.

ELEMENTOS TEXTUAIS

Texto - Corpo do artigo, estruturado em introdução, desenvolvimento, resultados e conclusão.

ELEMENTOS DE APOIO

Notas de rodapé - bibliográficas ou explicativas, destinam-se a prestar esclarecimentos ou tecer considerações que não devam ser incluídas no texto, para não interromper a seqüência lógica da leitura. Devem ser apresentadas na margem inferior, em arábico, sem parênteses.

Citações bibliográficas - livres ou textuais, são trechos transcritos ou informações retiradas das publicações consultadas para a realização do trabalho.

De Acordo com a NBR-10520, da ABNT.

Ilustrações - apresentação de gráficos, gravuras, fotografias, mapas, desenhos, tabelas, quadros e outros. Devem ser numeradas com algarismos arábicos na ordem em que serão inseridas no texto e apresentadas separadamente (impresso e em disquete), colocados após a lista de referências que segue o texto.

As fotografias devem ser apresentadas em branco e preto, em papel brilhante, com dimensões mínimas de 12 x 17cm e máxima de 17 x 22cm.

(*) Listagem de descritores da área, disponibilizada em Bibliotecas e Centros de Documentação. O Sport Thesaurus, publicado pelo Sport Information Resource Centre - SIRC, é um desses instrumentos, disponível em formato impresso, CD Rom - SportDiscus e Online no site www.sirc.ca. A versão bilingue (Português-Inglês) pode ser consultada no Sistema Brasileiro de Documentação e Informação Desportiva - SIBRADID, site www.sibradid.eef.ufmg.br

Referências Bibliográficas - Apresentação das referências bibliográficas em listagem alfabética, ordenada pelo sobrenome do primeiro autor, incluindo todas as fontes efetivamente utilizadas para a elaboração do trabalho. Os títulos dos periódicos referenciados devem ser apresentados por extenso.

De acordo com a NBR-6023, da ABNT.

ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS

Anexo - Documento, nem sempre do autor do artigo, que serve de fundamentação, comprovação ou ilustração.

Os textos devem ser encaminhados para publicação em 3 (três) vias impressas, em papel A4, acompanhadas de disquete 3 ½" contendo o trabalho digitado em Editor de Texto Word for Windows, versão 6.0, em espaço duplo contendo:

Até 12 laudas para os artigos (Seção Artigos)

Até 8 laudas para os relatos de experiência (Seção Vivências Cotidianas)

Até 8 laudas para a discussão proposta pelos editores (Seção Múltiplos Olhares)

Até 8 laudas para as entrevistas (Seção Entre-Vistas)

Até 500 palavras para os resumos, acrescidas de 3 Palavras-chave (Seção Tome Ciência!)

Os interessados em colaborar enviando trabalho para publicação, devem endereça-lo a:

licere

Conselho Editorial

Centro de Estudos de Lazer e Recreação - CELAR

Escola de Educação Física

Universidade Federal de Minas Gerais

Av. Carlos Luz, 4664 - Pampulha

31310-250 Belo Horizonte, MG - Brasil

Quaisquer outras informações email: veronezi@eef.ufmg.br

Cinira

Secretária Celar